

Coração, cabeça e estômago

PREÂMBULO

– O meu amigo Faustino Xavier de Novais conheceu perfeitamente aquele nosso amigo Silvestre da Silva...

– Ora, se conheci!... Como está ele?

– Está bem: está enterrado há seis meses.

– Morreu?!

– Não morreu, meu caro Novais. Um filósofo não deve aceitar no seu vocabulário a palavra *morte*, senão convencionalmente. Não há morte. O que há é metamorfose,

»Eu fui o herdeiro dos seus "papéis". Alguns credores quiseram disputar-mos, cuidando que eram *papéis de crédito*. Fiz-lhes entender que eram pedaços dum romance; e eles, renunciando à posse, disseram que tais pataratices deviam chamar-se *papelada*, e não *papéis*.

»Aceitei a distinção como necessária e retirei com a papelada, resolvido a dá-la à estampa, e com o produto dela ir resgatando a palavra do nosso defunto amigo, embolsando os credores. Fiz um cálculo aproximado, que me anima a asseverar aos credores de Silvestre da Silva que hão-de ser plenamente pagos, feita a 10ª edição deste romance.

»Vamos à papelada, como dizem os outros.

»Tenho debaixo dos olhos, mal enxutos da saudade, três volumes escritos da mão de Silvestre.

»O primeiro, na lauda, que serve de capa, tem a seguinte inscrição em letras maiúsculas: CORAÇÃO.

»O segundo, menos volumoso, diz: CABEÇA.

»O título do terceiro, e maior volume, é: ESTÔMAGO.

»Nenhum deles designa época; mas quem tiver, como eu, particular conhecimento do indivíduo, pode, sem grande erro cronológico, datar os três manuscritos.

1844 a 1854, 1854 a 1860, 1860 a 1862

»Os manuscritos de Silvestre careciam de ser adulterados para merecerem a qualificação de romance.. E coisa que eu não faria, se pudesse. Acho aqui em páginas correntemente numeradas sucessos sem ligação nem contingência. Umás histórias em princípio, outras que começam pelo fim e outras que não têm fim nem princípio. Pode ser que eu, alguma vez, em notas, elucide as escuridades do texto, ou ajunte às histórias incompletas a catástrofe, que sucedeu em tempo que o meu amigo se retirara da sociedade, onde deixara a viscera dos afectos.

»No volume denominado *Coração* encontro algumas poesias, que não traslado, por desmerecerem publicidade, sobre serem imprestáveis ao contexto da obra. Não designam as pessoas a quem foram dedicadas, nem me parecem coisa de grande inspiração. Silvestre, em poesia, era vulgar; e a poesia vulgar, mormente na pátria dos Junqueiros, dos Alvares de Azevedo, dos Casimiros de Abreu e dos Gonçalves Dias, é um pecado publicá-la. Sonego, pois, as poesias, em abono da reputação literária do nosso amigo².

² Este prólogo foi escrito designadamente para ser impresso no Rio de Janeiro.

PRIMEIRA PARTE

CORAÇÃO

*Coisas há hi, que passam sem ser cridas,
E coisas cridas há sem ser passadas
Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.*

CAMÕES. (Soneto.)

SETE MULHERES

I

O meu noviciado de amor passei-o em Lisboa. Amei as primeiras sete mulheres que vi e que me viram

A primeira era uma órfã, que vivia da caridade de um ourives, amigo do seu defunto pai. Chamava-se Leontina. Fiz versos a Leontina, sonetos em rima fácil, e muito errados, como tive ocasião de verificar, quando os quis dedicar a outra, dois anos depois.

Leontina não tinha caligrafia nem ideias; mas os olhos eram bonitos e o jeito de encostar a face à mão tinha encantos.

Era minha vizinha. Por desgraça também, era meu vizinho um algibebe que morria de amores por ela, e, à conta deste amor, se ia arruinando por descuidar-se em chamar freguesia, como os seus rivais, que saíam à rua a puxar pelos indivíduos suspeitos de quererem comprar. Aristocratizara-o o amor: envergonhava-se ele de tais alicantinas, debaixo do olhar distraído da mulher amada.

Odiava-me o algibebe. Recebi uma carta anónima, que devia ser sua. Era lacónica e sumária: «Se não muda de casa, qualquer noite é assassinado.» Pouco mais dizia.

Contei a Leontina, em estilo alegre, com presunçoso desprezo da morte, o perigo em que estava minha vida, por amor dela. Indiquei o algibebe como autor da carta. A menina, que tivera o desfastio de lhe receber noutro tempo algumas, conheceu a letra mal disfarçada. Tomou-lhe raiva, fez-lhe arremessos e induziu a criada a atirar-lhe com uma casca de melão, que lhe sujou um colete de veludinho amarelo e verde com listas encarnadas e pintas roxas. Que colete!

Passados tempos, Leontina desapareceu com a família; e, ao outro dia, recebi dela um bilhete, escrito em Almada. Dizia-me que o algibebe escrevera ao seu padrinho uma carta anónima, denunciando o namoro comigo. O padrinho ordenou logo a saída para a quinta de Almada.

O padrinho era o ourives, sujeito de cinquenta anos, viúvo, com duas filhas mulheres, das quais amargamente Leontina se queixava. As filhas do ourives, receando que o pai se casasse com a órfã, queriam-lhe mal, e folgavam de a ver nas presas de alguma paixão, que a arrastasse ao crime, para assim se livrarem da temerosa perspectiva de tal madrasta.

E o certo é que o ourives pensava em casar com Leontina, logo que as filhas se arrumassem. Estas, porém, sobre serem feias, tinham contra si a repugnância do pai no dotálas em vida. Ninguém as queria para passatempo e menos ainda para esposas.

Picado pelo ciúme, abriu o ourives seu peito à órfã, ofereceu-lhe a mão, e uma

pulseira de brilhantes nela, com a condição de me esquecer.

Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias admirou-se de ter dito a verdade. Nunca mais soube de mim, nem eu dela; até que, um ano depois, a criada, que a servia, me contou que a menina casara com o padrinho e que as enteadas, coagidas pelo pai, se tinham ido

para o recolhimento do Grilo com uma pequena mesada e a esperança de ficarem pobres. Não sei mais nada a respeito da primeira das sete mulheres que amei, em Lisboa.

Nota

Eu sei mais alguma coisa, que merece crónica.

Leontina subjugou o ânimo do marido: descobriu que ele era rico e gozou quanto podia das regalias do mundo, as quais vivera estranha até aos vinte e quatro anos. O ourives tomou gosto aos prazeres e esqueceu o valor do dinheiro, excepto o que dava às filhas, que lhe saía da secretária com pedaços de vida. Começaram petos arlequins e pelos touros e acabaram no Teatro de S. Carlos o refinamento do gosto.

Leontina andou falada na sua roda, como esposa fiel e admirável vencedora de tentações. Quase todos os amigos particulares do marido a cortejaram, sem resultado. Deu bailes em sua casa, donde era frequente saírem os convidados penhorados, às quatro horas da manhã; mas, duma vez, não saíram todos; ficou um escondido no quarto da criada, e lá passou o dia seguinte. O ourives ignorou muito tempo que a sua lealdade não era dignamente correspondida: porém, suspeitando um dia que a criada o roubava, fez-lhe uma visita domiciliária ao quarto, sem prevenir a esposa, e achou lá o filho de seu primo Anselmo, dormindo sobre a cama da moça, com a segurança de quem dorme em sua casa. Estava de moiras amarelas e vestia um chambre de lã do dono da casa! É o escândalo e mangação!

Foi chamada Leontina a altos gritos. Acordou o filho de Anselmo e foi procurar na algibeira do paletó um revólver. O quinquagenário viu cinco bocas de ferro, mais persuasivas que a *boca de ouro* de Crisóstomo, o santo. Passou ao andar debaixo e gritou pelo código criminal. Leontina tinha fugido para casa da sua amiga e vizinha D. Carlota, pessoa de hipotética probidade. O escandaloso possessor do chambre despiu-o, vestiu-se, sacudiu as moiras amarelas, sentou-se a calçar as botas, acendeu um charuto, desceu as escadas serenamente e encontrou-se no pátio com dois cabos de policia e um municipal. Dali foi para o administrador, que o mandou reter até ultteriores explicações.

Leontina, dias depois, foi para o Convento da Encarnação, onde esteve dois anos e donde saiu a tomar caldas em Torres Vedras, por consenso do marido, que a foi lá visitar e de lá foi com ela à exposição a Londres. Da volta da viagem, o ourives morreu hidrópico, legando às filhas umas inscrições, que rendem para ambas um cruzado diário, e à esposa uma independência farta em títulos bancários e em géneros de ourivesaria.

Consta-me que Leontina se lembrara então de Silvestre; mas ignorava que destino ele tivesse, Incumbiu um compadre de indagar se estava no Porto o homem; a resposta demorou-se alguns dias, sete, creio eu, e ao sexto já ela estava em indagações da vida e costumes dum sujeito de bigode e pêra, que à mesma hora de cada tarde lhe passava à porta num tálburi, tirado por uma orça. Fácil lhe foi saber que o sujeito fora, cinco anos antes, algibebe, tirara o prémio da lotaria de Espanha e fechara loja. Era o mesmo algibebe que levara no colete de veludinho com a casca de melão. Que mudança de cara e de maneiras ele fizera! O dinheiro faz estas mudanças e outras mais espantosas ainda. Chegaram à fala, deram-se explicações e casaram. Eu tive ocasião de os ver ontem no seu palacete a Buenos Aires. Estão gordos, ricos e muito considerados na sua rua.

A MULHER QUE O MUNDO RESPEITA

I

A minha alma olhou para o que foi e viu que os sete amores que a tinham derrancado passageiramente eram ridículos e indignos de serem dados como explicação de um cinismo sobremaneira satânico em que eu me andava ensaiando.

Antes, porém, que eu tornasse em mim, estive seis meses a dizer ao mundo, em prosas chamadas *Meditações* e em versos denominados *gritos de alma*, que estava céptico, e cínico, e que havia de engolfar no lodo em que me atascaram o coração as virgens louras com o seu amor ingénuo, e quantas virgens de diversas cores a minha libertinagem atraísse às aras de sedenta vingança. Aqui vão as cópias dos principais poemas que então fiz...

Nota

Defendo a paciência do leitor dos duros golpes que lhe estão iminentes.

Ainda assim, há-de levar-me a bem que eu lhe dê, à prova, uns relanços das poesias cépticas do meu amigo Silvestre. Entro pela mais filosófica:

*Ontem me riu o céu; milhões de estrelas
Me falaram d'amor
Ontem flores a mil, e todas elas
Me davam, dos seus dons, das urnas belas,
Aroma à alma em flor!
Hoje, ai!, hoje um céu de negro, e a terra
De crepe funeral!
Hoje um peito que em si peçonha encerra;
E a alma em fogo, que precita erra
Num regiro infernal.*

As seguintes coisas são menos inocentes:

*Mulher!, em ânsias me estorço,
Punge-me dentro o remorso
De te não calcar aos pés!
Tinha uma crença... mataste-a!
Tinha uma luz..., apagaste-a!...
Mulher!, que monstro tu és!*

Esta quadra da poesia LXIX é mais raivosa:

*Hei-de essa alma perversa estrinçar-te!
Hei-de à frente cuspir-te a peçonha
Que verteste em meu peito, e ferrete
Hei-de pôr-to de eterna vergonha!*

Basta isto para terror das almas e amostra da poesia contemporânea de Silvestre.

Temos aqui um narrador-editor, que manipula a obra de um defunto-autor

Estrutura geral:

[**Da segunda edição** (O editor)]

Bibliografia (António Augusto Teixeira de Vasconcelos)]

Preâmbulo

Primeira Parte: Coração

Sete Mulheres

A mulher que o mundo respeita

A mulher que o mundo despreza

Segunda Parte: Cabeça

Jornalista

Páginas sérias da minha vida

Terceira Parte: Estômago

De como me casei

O editor ao respeitável público

No arraial de S. João andava o sargento-mor de Soutelo com sua filha única, Tomásia.

Tomásia era mulher de carne e osso mais que o ordinário. Vestia de amazona: mas ficava um pouco aquém dos limites da elegância, porque era mais larga na cintura que nos ombros – visível defeito do vestido. Tinha uns longes de cara admiráveis: figurava-se-me uma flor de magnólia entre duas rocas de cerejas.

O sargento-mor, que também era cavaleiro de Cristo, desde 1812, pensava desde muito casar Tomásia com cavaleiro da mesma ordem. Conhecia-me ele de nome e

O EDITOR AO RESPEITÁVEL PÚBLICO

Os autógrafos do meu amigo Silvestre da Silva carecem de nexos e ordem desde a data do seu casamento. Salta logo aos olhos que o ilustre autobiógrafo, chegado ao marco da bem-aventurança, quedou-se a repousar da peregrinação – Deus sabe quão penosa! – que trouxera pelas precipitosas veredas do seu passado.

Silvestre foi eleito presidente da Câmara de Carracedo de Montenegro, que assim se denomina o concelho onde a ventura lhe bafejara o outono da vida. Estreou-se nas funções municipais mandando construir uma porca nova para o sino da igreja e compor uma estrada descalçada que lhe passava à porta; depois propôs em sessão que se pedisse ao Governo uma estrada do Porto a Chaves, com um ramal por Soutelo.

Freguesia com 1689 habitantes em 1864.

O Porto possuía pouco mais de 89 mil e Lisboa pouco mais de 190 mil.

Saí de Soutelo no fim do Verão.

Silvestre acompanhou-me aos banhos da Póvoa e já vinha com todos os sintomas de caquexia, resultante da imobilidade, e cansaço das molas digestivas. Retirou-se para a província logo que os primeiros banhos e as primeiras perdas ao jogo lhe molestaram o corpo e o espírito. De lá me escreveu, contando os progressos da doença e prognosticando o seu próximo fim. Nesta carta prometia o meu amigo legar-me os seus papéis, com plena autorização de divulgá-los, se eu visse que podiam ser de proveito para a iniciação da mocidade. À maneira do moralista Duclos, dizia ele: *J'ai vécu, je voudrais être utile à ceux qui ont à vivre.*

Poucos meses depois recebi da mão de um almocreve uma chapeleira de couro repleta de embrulhos, que me enviava a Sr^a D. Tomásia, e uma carta do sargento-mor asseverando-me que seu genro morrera como um passarinho – a morte do justo; com a

diferença que não ajustou contas com os credores, para quem a salvação do meu amigo é coisa muito duvidosa...

Na carta do saudoso sogro vinha o seguinte soneto, que o moribundo fizera, à imitação dos distintos génios de ambos os sexos, que sonetaram à hora da morte, tais como a poetisa O. Catarina Balsemão e Bocage.

O soneto reza assim:

*Abri meu coração às mil quimeras;
Encheram-mo de fel, e tédio, e lama,
Tive, em paga do amor, riso que infama
Ai!, pobre coração!, quão tolo eras!*

*Dobrei-me da razão às leis austeras;
Quis moldar-me ao viver que o mundo ama
O escárnio, a detracção me suja a fama,
E a lei me pune as intenções se veras.*

*Cabeça e coração senti sem vida,
No estômago busquei uma alma nova
E encontrá-la pensei... Crença perdida!*

*Mulher aos pés o coração me sova,
Foge ao mundo a razão espavorida;
E por muito comer eu desço à cova!*

Bem se vê que o soneto era o da morte. Um grande merecimento tem ele: é ser o último.

